

Universidade Fernando Pessoa, Faculdade de Ciência e Tecnologia

Arquitetura e Urbanismo

# **A memória da viagem para a construção do lugar**

Obras Manuela Braga

ANEXOS



UNIVERSIDADE  
**FERNANDO PESSOA**  
WWW.UFP.PT

António Paour Cortesão Caldeira



# **A memória da viagem para a construção do lugar**

Obras Manuela Braga

ANEXOS

Universidade Fernando Pessoa

2023-2024

Curso: Arquitetura e Urbanismo

Aluno: António Caldeira

Orientador: Professor Doutor João Ferreira

Co Orientador: Arq. Luís Leite



# Índice Anexos

ANEXO I - Conversas com Manuela Braga	1
ANEXO II - Fichas individuais das casas	19

# Anexo I

## **CONVERSAS COM MANUELA BRAGA**

## Parte I

(Autor) Qual foi a sua motivação para estudar arquitetura?

*A motivação para esta arquitetura tem a ver com a infância e tem a ver com o envolvimento familiar. O meu envolvimento familiar fazia parte de mãe, pai e cinco irmãos, somos seis filhos, cinco irmãos. A minha mãe é formada em Belas Artes e o meu pai era um homem de negócios, vendia automóveis, mas tinha tido uma infância que era carregada de património, ou seja, ele, filho único, foi colocado na província a viver com os avós. E, portanto, a sua infância foi na província, numa zona do país, centro do país, numa zona onde havia muitas casas apalaçadas, onde havia muitas famílias a visitarem-se umas às outras. Então, quando nós crescemos, o meu pai não queria que nós ficássemos em casa a ver televisão e levávamos a passear todos os fins de semana, a mim e aos meus irmãos, a visitar casas em ruínas, visitar castelos, Vila da Feira, montanhas, e fazia sempre a referência da obra do homem. Dizia sempre, olha, isto foi modificado pelo homem, este pinhal foi plantado por este. Tudo estava relacionado com o ato humano. Encontrávamos muitas vezes dentro de edifícios abandonados, com restos de mobília, com restos de vida, com restos de memórias. Eu penso que isso me marcou bastante, porque, como éramos muitos irmãos, e cada um ia para a sua área, às vezes os meus pais chegavam à casa e tinham a casa toda transformada. Nós tirávamos os móveis do quarto dos pais e púnhamos no quarto dos filhos, fizemos no quarto dos pais, púnhamos tudo no quintal, ou seja, eu desde muito pequena que trabalhei o espaço.*

*Quando estava no quinto ano, tinha que escolher, no quinto ano do Liceu, que é o atual nono ano do Liceu, tinha que escolher a minha área. E a minha área tinha a ver com escultura, e eu queria ser escultora, mas depois disse assim, escultora, eu tenho que ter um cliente para fazer minha escultura, e depois disse, mas o que eu gosto mesmo é do espaço de habitar, do espaço de sentir a casa, e foi por isso que*

*eu decidi fazer a arquitetura, tem a ver com o meu passado, da minha infância feliz, claro.*

**(Autor) Quais foram as suas primeiras referências enquanto estudante de arquitetura?**

*As minhas primeiras referências foi a Escola de Belas Artes do Porto. Fui aluna do Fernando Távora, e tive a feliz oportunidade quando, o Távora levou uma classe dos alunos para Guimarães. No primeiro ano, ficámos lá a acampar nas obras do Convento da Costa em Guimarães, uma obra que o Távora estava a construir na altura. Ficámos uma semana nas obras a participar a assistir à construção.*

*Tive outro arquiteto muito importante na escola, que foi o Soutinho. Era um grande professor de construção, que eu tinha grande admiração, era uma biblioteca viva. Tive também o Siza, que não aparecia quase nunca na escola, estava sempre fora, mas quando chegava trazia sempre umas histórias muito engraçadas.*

*Tive a presença nas Belas Artes das outras áreas, que tinha a ver com escultura, pintura, fotografia, e que na minha arquitetura se reflete bastante. Tínhamos cinema, tínhamos outras áreas que não estavam dentro do curso de arquitetura, mas que estavam dentro da Escola de Belas Artes, das quais nós podíamos beber. Inspirava-me muito mais do que propriamente o curso de arquitetura, que era mais quadrado.*

*Eu fui para Lisboa em 83, tive em Lisboa 83 e 84, no quarto e no quinto ano. No quinto ano, foi o Taveira, meu professor, quando ele tinha acabado de fazer as Amoreiras. Eu cheguei a Lisboa e havia uma relação com o projeto completamente diferente. A nossa relação com o projeto no Porto era uma relação muito verdadeira, o ato de viver, o ato de habitar, a relação da sociedade com a casa, a qualidade da construção. Em Lisboa era imagem. Portanto, a qualidade do ensino na altura, em 83, 84, entre Lisboa e Porto era muito diferente e só havia duas faculdades, ainda não havia Coimbra nessa altura. Aprendi em Lisboa o que não existia no Porto, tal*

*como, infraestruturas, águas e esgotos, qualidade estrutural, materiais, preocupação com os materiais construtivos que no Porto não havia grande, a qualidade era mais abstrata. Então eu fui buscar a Lisboa a componente que não havia tanta exigência no Porto.*

*Portanto, no Porto foi uma formação mais conceptual, programática, social, política. Enquanto que em Lisboa foi técnica.*

**(Autor) Qual foi a motivação de ter ido para os Açores**

*Eu era professora Liceu, mas queria fazer arquitetura e tive duas propostas de projeto. Os meus primeiros projetos foram feitos em Vila Nova de Gaia. Quando acabei de fazer estes dois projetos eu verifiquei que queria fazer arquitetura e que se eu continuasse a dar aulas nunca mais conseguiria no Porto fazer projeto. Produzir arquitetura no Porto era muito difícil. A Escola do Porto tinha o monopólio da produção arquitetónica. Havia muito mais engenheiros a produzir, havia poucos arquitetos a produzir e quando havia trabalho para arquitetos iam diretamente para os professores da escola. Como eu tinha ido para Lisboa, os professores do Porto nunca mais iriam ter possibilidade de trabalhar com eles.*

*O meu primeiro marido ficou colocado como engenheiro civil em Ponta Delgada, e por isto houve a oportunidade de ir para lá. Candidatei-me à Secretaria de Habitação e Obras Públicas, que se chamava na altura Secretaria Regional do Equipamento Social. Era um organismo que construía, tinha um grupo de arquitetos para recuperação da habitação social, a habitação degradada para pobres, que eram casas de extrema insolvência, de extrema carência. Casassem condições de habitabilidade, que precisavam de ser recuperadas. Então eu candidatei-me e fui aceite, e fui para lá em 1988, para os Açores.*

(Autor) Qual era o estado dos Açores quando lá chegou?

*Cheguei em 1988, são 14 anos depois do 25 de abril. Havia pessoas descalças na rua, havia carroças e cavalos. A ilha tinha naquela altura, estava quase toda coberta por árvores e tinha poucos pastos. Ainda tinha uma vivência muito parecida com o antes 25 de abril. Havia muita carência, havia muito analfabetismo pouca qualidade de habitabilidade, havia pouca qualidade de habitabilidade, faltavam boas casas.*

*Havia falta de técnicos, não havia técnicos. O Dr. Germano Domingos, que na altura era o secretário regional do equipamento social, chamou técnicos aos Açores que estavam sediados em departamentos da secretaria em São Miguel e no Faial. Tínhamos que fazer levantamento das aldeias e saber as carências e dos agregados familiares, se havia casas em boas condições, se havia equipamentos, se havia água potável. Fazíamos um levantamento generalizado das carências e produzíamos projeto.*

*As pessoas candidatavam-se e a região dava dinheiro para essas pessoas. O que é que acontecia? O dinheiro que nos davam não era suficiente para recuperar as casas. Então começámos a criar um banco de materiais. As telhas que vinham da Graciosa e de Santa Maria, porque todas as casas tinham que ser restauradas. Dentro da melhor maneira de recuperar sem destruir a tipologia arquitetónica. Nós fazíamos os projetos e convidávamos as famílias a aprenderem connosco autoconstrução.*

*Há o exemplo de uma família grande de uma costureira com pouco dinheiro. Fizemos paredes de pano, enchíamos com restos de pano e fazíamos assim as paredes. Na altura tínhamos que improvisar. Outro exemplo foi de um pescador onde usámos restos de madeira dos barcos, dos mastros, para colmatar carências.*

*Houve um sismo enorme em 88 e houve cerca de 500 e tal casos que caíram de um dia para o outro e nós tínhamos que pegar naquelas famílias e dar-lhes*

*habitabilidade. Chegámos à conclusão que o ideal não era estar a fazer casas pré-fabricadas temporárias. Dentro das freguesias, encontrávamos casas abandonadas dos imigrantes onde eram bons locais para as relocalizar.*

**(Autor) Quais eram as principais diferenças que sentir ao chegar aos Açores**

*Os Açores, na altura, estavam atrasados em relação ao continente. Um atraso em termos económicos e vivencial. A sociedade em si estava atrasada cerca de 100 anos em relação ao continente. As pessoas viviam como se vivia no século XIX em Portugal. Havia ainda uma grande dependência da agricultura e do mar, da pesca.*

*Quando eu lá cheguei, aquilo que foi mais difícil foi perceber que tudo o que eu quisesse seria necessário um barco para me trazer os materiais da mãe terra, da mãe do continente. O continente é que distribuiu os materiais, sendo assim, eu comecei a chegar à conclusão que era um erro importar materiais e que o ideal era construir uma arquitetura própria e gastar menos possível de materiais que vinham do barco. Havia aqui uma dinâmica de autossustentabilidade*

*Em relação à identidade Açores, o açoriano gosta de mostrar que está primeiro que os outros. Os açorianos são muito aventureiros. Quando recebem gente, eles querem aprender. Eles têm necessidade de aprender e também têm necessidade de viajar. Ou seja, eles vão buscar muito aos outros continentes.*

**(Autor) O que é que acha da viagem como instrumento de concessão arquitetónica?**

*Primeiro, chegar aos Açores é uma grande viagem. Depois, conhecer as nove ilhas é outra grande viagem. Cada ilha tem uma topografia e uma insulação diferente. As*

*necessidades são diferentes, umas são mais completas, outras mais incompletas. A forma como as pessoas ocupam o espaço é completamente diferente.*

*Quando se viaja para São Miguel é como se começassem a pensar de novo. Os conceitos de limite de propriedade são diferentes entre as Ilhas. São Miguel é a pedra, enquanto que na Terceira são mais arbustos. Pensam na forma como fizeram os muros, mirantes e começam a perceber como e que movem os recursos e dividem a terra.*

*Ao viajar olhamos de outra forma para as coisas, começamos a ver como é que adaptam os materiais locais aos modos de viver. Viajei para o México, Chile, Marrocos, Indonésia... viajei para vários sítios, mas interessou-me perceber a água, os elementos. Descobri, por exemplo, em todos os sítios que o uso dos elementos é diferente. Depende da forma como eles vivem, depende do material que eles têm no solo, depende da forma da temperatura, dos ventos, da quantidade de sol. Quando viajamos recolhemos muita informação.*

*Os edifícios históricos, aqueles que foram poupados pela civilização mexicana. Eu fui ver a grande igreja na Praça do México que está afundada, porque aquilo era um grande lagoe fui ver como é que aquilo foi construído, como era a tecnologia possível para aquela época. Fui ver as montanhas dos Maias, e apercebi-me da tecnologia.*

*O Fernando Távora falava imenso das viagens. Sempre que falava nas aulas, fala quando estive em França, quando estive no México, quando este aqui e ali. Ele ia a todo lado buscar referências de forma a poder atuar em determinado material.*

*Os Maias e os Aztecas tinham uma apropriação do local muito geométricas relacionadas com os alfabetos e com o sol. Eu fiquei extraordinariamente apegada ao princípio da geometria. Se eu tenho antecedentes na arquitetura que me ensinam a geometria do edifício, porquê que eu vou desistir disso?*

(Autor) Qual é para si a importância da geometria na criação volumétrica?

*Eu sempre fui uma aluna de 20 a geometria descritiva e 20 a matemática. Eu era uma aluna brilhante a matemática e geometria. Eu fui aluna do Sérgio Fernandes, ele era um grande professor muito paciente e disse-me assim, - tu não te podes esquecer da ossatura do edifício-, ou seja, dos pilares dentro do edifício. Quando ele me disse ossatura, em vez de ser pilares eu pensei que isto é como o corpo humano. Se é um corpo, é um esqueleto e o esqueleto tem que ser equilibrado tem que haver equilíbrio. Para ter equilíbrio, eu tenho que pensar nas forças entre os pilares. Tenho que pensar na forma deles, é como fazemos castelos de cartas e às vezes caem. Deve-se ao facto de o equilíbrio não estar bem feito. Desta forma comecei a não só estudar o edifício, mas a olhar à volta do mesmo.*

*Quando eu tinha um objeto na paisagem, este objeto está rodeado de forças e elementos importantes. Observava muito o que rodeava o objeto, podia ser uma montanha, um monte, um rio ou uma estrada. Olho para o sol, o vento e como e que circula. Então é quase como um corpo, um corpo que está vivo. Se o corpo está vivo ele mexe. Nem que seja mexe milésimos de milímetros, mas ele mexe.*

*Então é muito importante pensar que é a geometria que resolve os problemas.*

*A relação entre os espaços cheios e os espaços vazios. A relação entre as aberturas, as fenestraçãoes, as portas e as janelas, e o sol. Tudo isto é feito com um ritmo geométrico muito importante.*

## Parte II

### Casa Benny

*A casa Benny, quando eles me deram aquele burquinho, aquele quadradinho torto.*

*O espaço para intervir era uma espécie de um quadrado torto, era mais um lusango do que um quadrado.*

*Eu cheguei lá e não tinha qualquer referência, e pedi-lhes o programa, porque com aquele quadradinho, eu tenho que saber o que é que tem de caber aqui. Eles disseram que precisavam de uma área comercial para o filho mais velho em baixo, uma zona habitacional em cima e uma garagem,*

*Como estava num arruamento, não há nada melhor fazer uma torre, tal como Távora fez aqui na Sé do Porto, ou seja, para mim as torres são sempre elementos de terminar ou começar uma frase. Entretanto comecei a pensar como seria uma torre sem ângulos retos. Visto isto eu tinha que ter a apropriação de todos os cantos, porque o espaço já era relativamente pequeno.*

*Eu achei que era melhor cortar os cantos, e isso aprendi numa viagem, aprendi numa viagem em França, em Marselha, num mosteiro que foi visitado por muitos arquitetos.*

*Eu não estava a conseguir resolver os problemas na fachada, não sabia como introduzir na fachada vãos de iluminação.*

*Então comecei por passar uma bissetriz e geometrizei completamente, comecei a criar ângulos no próprio espaço, ângulos habitáveis e confortáveis. Isto acabou por ser uma torre regular dentro de um espaço irregular, com a bissetriz parti o espaço em gomos. O programa começou pela adaptação ao lote, rua e através da geometria. Eu incorporei dentro da forma a forma que eu queria, como se fosse uma correção da geometria.*

*Devido ao equilíbrio da geometria, não houve problemas na construção, a própria geometria ditou a sustentabilidade de forma absolutamente estável. Eu quando determino a geometria tenho a certeza que nunca mais aquilo cai. Quando o projeto está previamente determinado pela geometria e relação numérica entre as partes é fácil. Os engenheiros agradecem porque dizem que é muito fácil produzir os meus projetos.*

*Foi assim que o projeto foi pensado, cumpre a função e as pessoas ficaram muito felizes, adoraram o projeto. A relação do conceito com o programa foi estabelecida. Foi feliz para todos menos para o arquiteto que queria usar a madeira e o dono da obra preferiu usar betão.*

*Isto tem que ver com a cultura portuguesa, nós somos um país pequenino e por isso aproveitamos tudo, os cantinhos todos. Eu aprendi em países como Itália, França que ganhamos mais em não aproveitar o espaço todo.*

*Aprendi também com as zonas acasteladas e fortes, porque eu viajei muito pelo Luxemburgo. Nestas zonas fronteiriças há muitas torres do engenheiro francês Vauban. Por isso esta torre acabou por ser inspirada em Vauba, nas minhas viagens a França. Que são figuras dentro de figuras, ele trabalhava muitíssimo bem a geometria.*

*São clientes cultos que aceitaram muito bem estas referências.*

### **Casa da Caloura**

*No Caso da Caloura foi um projeto que eu tive muita sorte porque a minha irmã vivia na ilha nessa altura. A minha irmã foi a engenheira de projetos do Siza Vieira. Quando eu estava a fazer o projeto estava com uma certa dificuldade em fazer o equilíbrio de formas na montanha e ela disse-me que tinha de usar uma progressão*

*geométrica perfeita de forma a colocar os pilares. Por esta razão, eu utilizei a trigonometria de forma conseguir calcular a progressão geométrica perfeita. Até consegui por uns pilares de 10cm de diâmetro.*

*Este projeto surgiu de uma encomenda, em que a arquiteta gostava de ter um projeto numa montanha. Eu olhei para a montanha e lembrei-me do que tinha visto no México porque tinha acabado de chegar de lá, então eu sabia como se fazia. Mostrei à cliente fotografias feitas de coisas feitas por antigos maias.*

*Foi uma construção feita com sistemas absolutamente primários, eu resolvi um problema que os maias e os aztecas resolveram. A relação de um objeto numa montanha resolve-se facilmente, é só ver o que as antigas civilizações fizeram. Atualmente as pessoas quando constroem numa montanha, usam um muro de suporte caríssimo. Eu fiz uma casa muito barata em termos construtivos. Conseguimos colmatar problemas de sustentação sem fazer muros de suporte. Toda a pedra que foi retirada, voltou a ser usada. A maior parte das pessoas usam a pedra como revestimento, eu usei como parte integrante da arquitetura, tal como as pessoas usavam antigamente. Sendo assim um objeto muito açoriano. Se visitarem as canadas açorianas, são sempre ladeadas por pedras tal como os percursos para entrar na casa. O acesso é por um ziguezague constante de pedra, algo muito açoriano.*

*Creio que está completamente adaptado à paisagem.*

*Isto foi inspiradíssimo no Louis Kahn, é muito kahniano, porque tem muito que ver com as entradas de luz. Quando fui visitar o SalkInstitute, as salas têm uma luz fantásticas, e a luz presente no edifício foi inspirado precisamente no Louis Kahn. Os espaços interiores têm muita fiz tudo feito por plataformas que dão acesso aos interiores.*

## Casa dos Foros

*A casa dos foros é engraçada. Foi um projeto de especulação imobiliária, quando um arquiteto não quer ter clientes e quer fazer as coisas para si. Houve um senhor que me pediu o projeto, no entanto ninguém acreditava no projeto e não o conseguia vender. Então acabei por comprar o projeto pelo o qual fiquei apaixonado. Assumi o projeto e acabei por construir a casa para mim.*

*Este lote tinha 15 metros por 5 e o arruamento tinha por volta de 3.5 metros de largura. Eu pretendia fazer uma casa unifamiliar. Para poder ter os 3 pisos, tive que traçar uma linha de 45°, de modo a respeitar o sombreamento. O edifício foi concebido fazendo uma tangente à linha de 45°, foi a única maneira de fazer crescer o edifício cumprindo o RGEU. A forma resultou das limitações que tinha. Ao retirar a fatia de queijo propagámos luz infinitamente, quarto a quarto. Quarto do Miguel, quarto do Hugo, uma sala e uma de estudar em mazanino aberto sobre a sala*

*Nesta obra ao fim ao cabo tem referências sobretudo dos Açores, como o torreão e as chaminés. Nesta rua havia uma grande chaminé então eu repliquei a mesma volumetria. Ao ter duas chaminés ao lado uma da outra tínhamos a sensação de um pórtico.*

*Uma questão muito importante que esta geometria permitiu foi a relação entre os espaços e telhados, que é muito bonito para quem vive na casa.*

*A transição entre um espaço e o outro não se faz sentir pela geometria. O objeto foi partido aos bocados, desmembrado, eu tenho um grande fascínio pelos neoplasticistas.*

*Neste momento não se vê nada é uma desilusão, a casa está completamente esmagada por novas arquiteturas, mas eles (proprietários) continuam a dizer que é fascinante dentro, eu já não acredito muito.*

## Casa do Jardim de Belém

*Essa casa tem uma particularidade, era uma casinha pequenina em pedra e ele queria fazer aí uma pequena casa para hospedes ou mesmo para ele ir lá dormir ou viver enquanto a casa da frente era recuperada.*

*Eu tinha acabado de chegar da Indonésia, eu vinha cheia de ideias. Eu transformei isso num grande projeto, um projeto de grande dimensão em madeira. Em 2014 foi numa altura em que eu começava a não acreditar na arquitetura perene. Comecei a acreditar que nós tínhamos que contruir casas mais leves levantadas do chão, em que as referências arquitetónicas estão muito mais relacionadas com as tecnologias locais, sem ser tecnologia pesada, materiais pesados. Queria que fossem materiais portugueses, nada que tenha a ver com a importação de materiais estrangeiros.*

*É algo completamente corbusiano e algo altiano. A fachada a poente é uma pedra, porque em São Miguel é um lado muito agressivo, as manhãs são fantásticas, frescas e as tardes absolutamente impossíveis de calor e acabam por destruir os materiais. A madeira virada para este lado não resiste mais que dois, três anos, é muito mau. Tanto que eu protegi muito a fachada norte. Eu protegi bastante as fachadas por causa da chuva, do vento e por causa da degradação do próprio material*

*Esta madeira é pinho português de segunda, cheia de nós. É do mais barato que há, são tudo em pilares de madeira, resinadas e feito em Portugal.*

*Isto tem muito de Indonésio, a ideia era levantar do chão, mas o proprietário pôs-lhe uma rampa em relva, ou seja, a casa tinha uma distância ao chão de 50 cm, e ele quis tapar essa distância. A casa está protegida de humidade, a madeira não encharca.*

*É uma fase final da minha arquitetura, isto é, numa altura que eu estava muito*

*desencanta com a arquitetura ocidental. Eu importei muitos valores indonésios, em que para mim a relação com o exterior é muito importante. A relação entre os espaços interiores é muito mais do que espaços de estar. A sala e a cozinha são uma só divisão. Uma nova arquitetura é uma forma de estar na vida. O espaço de estar é o espaço de comer e também é um espaço de relação com o exterior.*

*Isto nem parece que estás em Portugal, nada a ver com a casa tradicional, em que a casa é utilitária, mais uma vez, a estrutura está toda a vista. O uso das redes, dos óculos são coisas são objetos que já existiam, é a reutilização.*

*O Miguel é viciado em objetos marítimos e tinha muitos óculos de barcos que afundaram ao largo dos Açores. Então ele pediu-me para usar os óculos.*

*Essa casa já é uma casa de grande amadurecimento, eu estava muito mais madura. Os detalhes são muito trabalhados. Foi o meu último projeto, 2014.*

*Quanto há geometria, não houve muita preocupação, surgiu naturalmente, esse projeto foi um dos projetos mais bem conseguidos.*

### **Casa Filipe Franco**

*A casa Filipe Franco. São duas coisas no fundo. O Filipe Franco, artista plástico é um homem muito especial, tem muita paixão pela arte, é um escultor autodidata, um cliente muito exigente. Sempre gostou de ter poder através da arte.*

*Convidou-me porque eu estava na berra na altura e toda gente falava da arquiteta Manuela Braga, como sendo uma grande arquiteta. Pediram-me para eu fazer algo que desse nas vistas, porque ele ia abrir um bar à noite e que ia ter exposições de arte.*

*Eu fiz a casa particular com todas as suas exigências. Eu tentei usar vários léxicos arquitetónicos, várias linguagens. Eu fiz algo quase como a continuação de uma*

*linguagem antiga, mas com uma apropriação moderna. Usei muito a escola do Porto, usei muitos elementos, mudei a cor, porque não devia continuar a ser pedra, em vez de pedra fiz em cor.*

*Eu tinha uma chaminé antiga, fiz uma casa de banho no primeiro andar com um elemento arquitetónico equivalente, fazendo um conjunto arquitetónico, um pouco à Siza Vieira.*

*A arquitetura mediterrânica tem muito que ver com a casa pátio, usei muitos léxicos linguísticos porque nós trabalhávamos muito arquitetura mediterrânica, as cores, as anilinas do mediterrâneo, os ritmos.*

*Era um homem com muito conhecimento de artes e de arquitetura, nomeadamente a arquitetura do Porto. \Eu trabalhei muito com ele neste projeto, sendo um projeto feito a duas mãos. Todo o projeto foi trabalhado com o cliente. A escolha da cor foi feita pelo cliente, as anilinais naturais, a pintura em cal, feito como se fazia há 100 anos atrás. Ele é um escultor e trabalhou isto como uma escultura comigo. Não havia nada que eu não fizesse que ele não perguntasse.*

*A casa de banho do bar inspirámo-nos no cinema, nas casas de banho dos filmes do Peter Greenway. A casa de banho vermelha em eu as pessoas entravam na casa de banho e ficava tudo vermelho como filme.*

*Esta fachada foi toda desenhada por mim, era tudo regular, era tudo elementos feitos no local. As placas foram feitas no local, assim como as anilinais.*

*O Filipe fez isto com muito amor, muito rigor, o vidro a passar pela frente permitindo transparências. Isto foi trabalhado como um objeto escultórico, isto é um objeto feito para o cliente com o cliente.*

*Tem tudo que ver com a viagem pela história da arquitetura do mediterrâneo, as cores, os antigos, as viagens, a influência cinematográfica. Isto também é a viagem*

*ao cinema, uma viagem à cultura, às artes. Mais do que pela viagem é uma viagem telúrica, poética. Tem referências à cultura portuguesa, francesa, italiana. Os materiais de São Miguel como a cerâmica na área da cozinha.*



# **Anexo II**

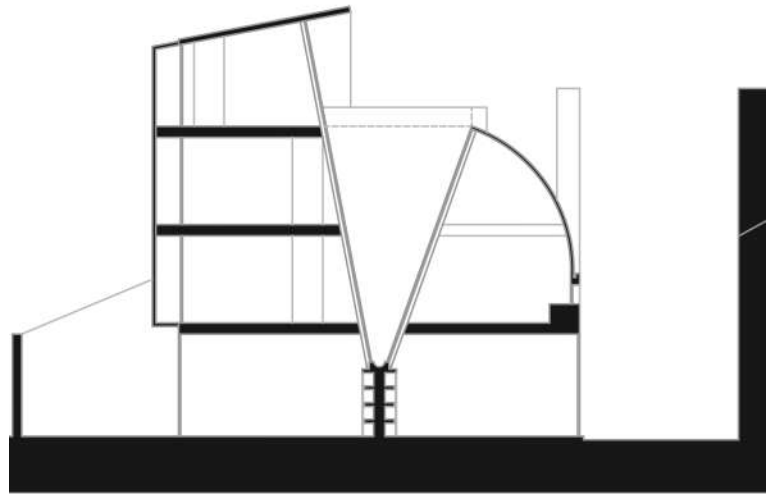
## **Fichas individuais das casas**

# Casa dos Foros 1998

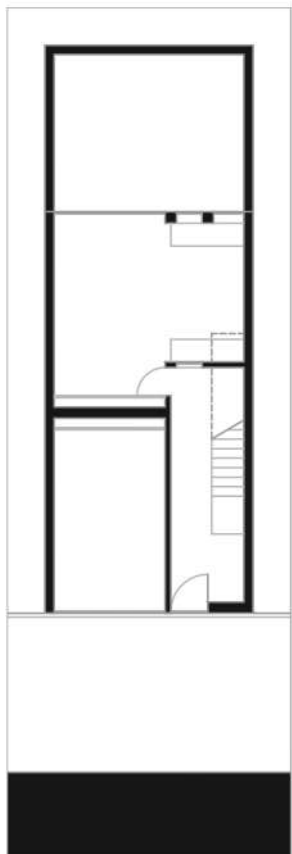
**Tipo :** Habitação Unifamiliar

**Localização:** Rua dos Foros, Ponta Delgada, Açores

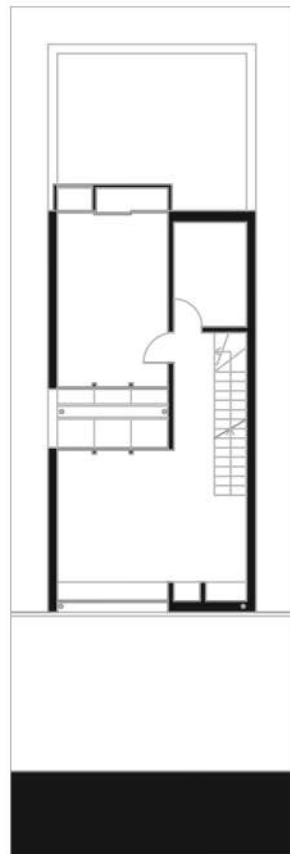
**Plantas e Cortes 1.200**



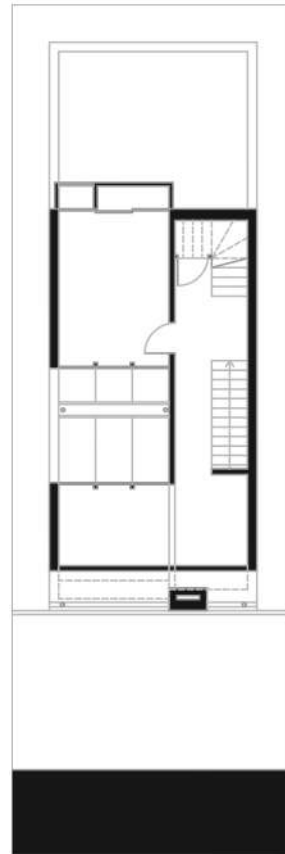
Plantas piso 0



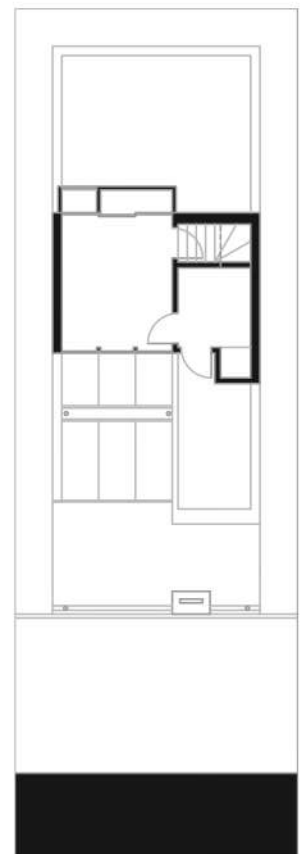
Plantas piso 1

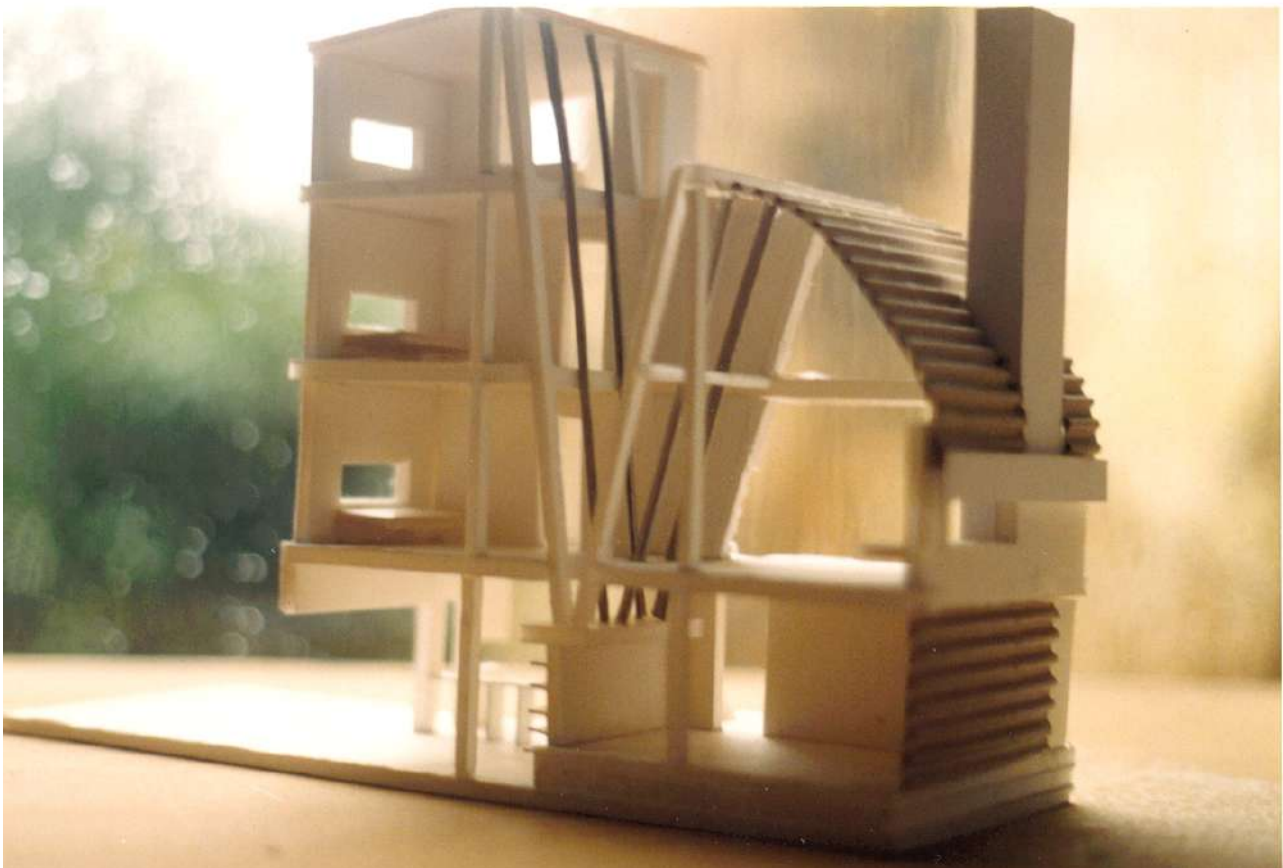
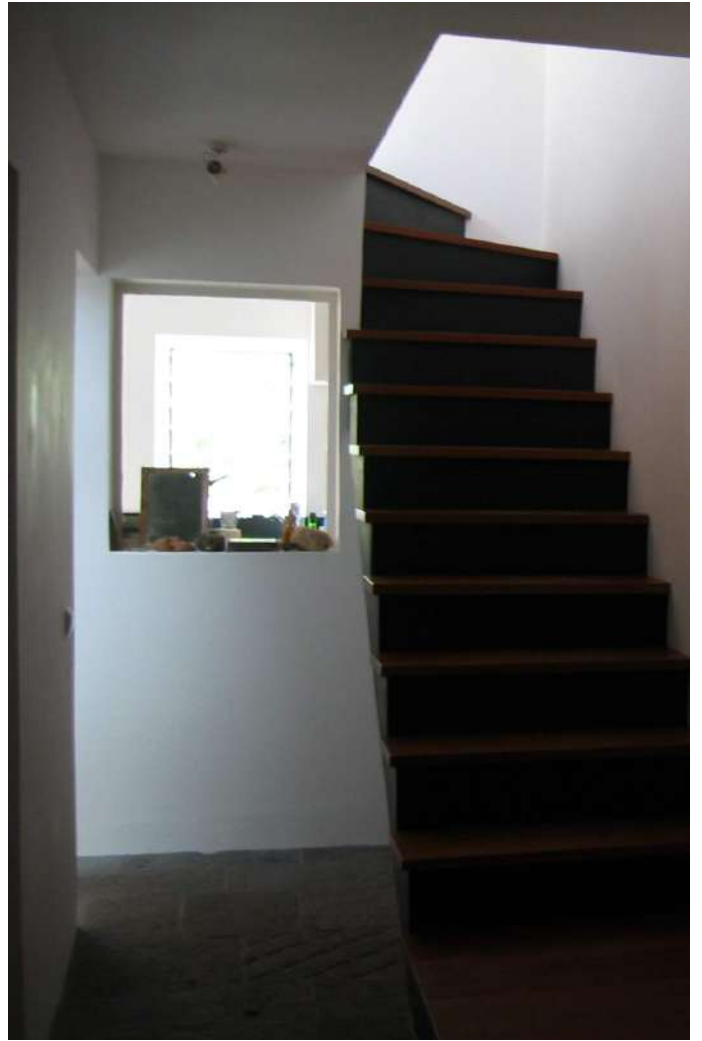


Plantas piso 2



Plantas piso 3



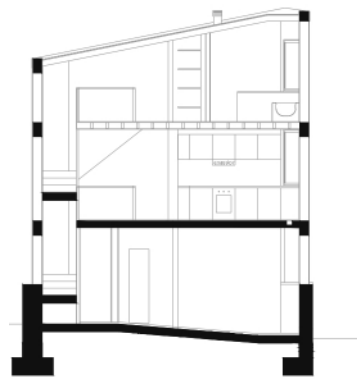


# Casa Benny 2001

Tipo : Habitação Unifamiliar

Localização: Beco do Castelo, S. Roque, Açores

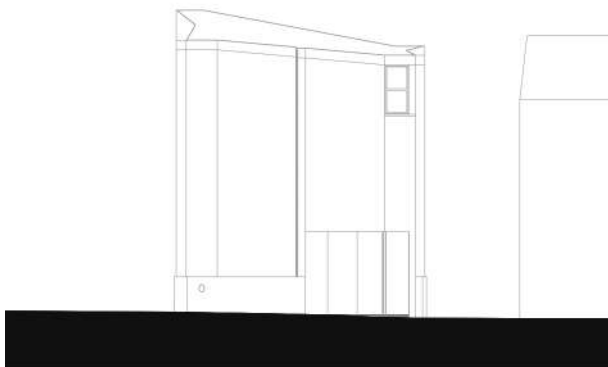
Plantas, Cortes e Alçados 1.200



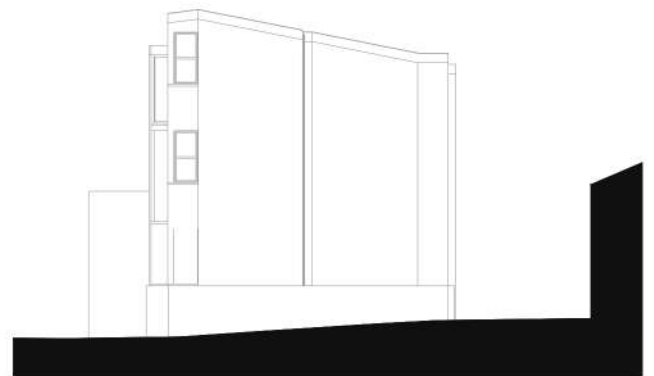
Corte



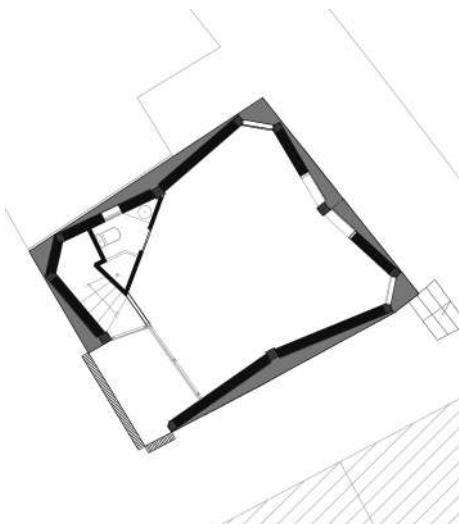
Alçado A



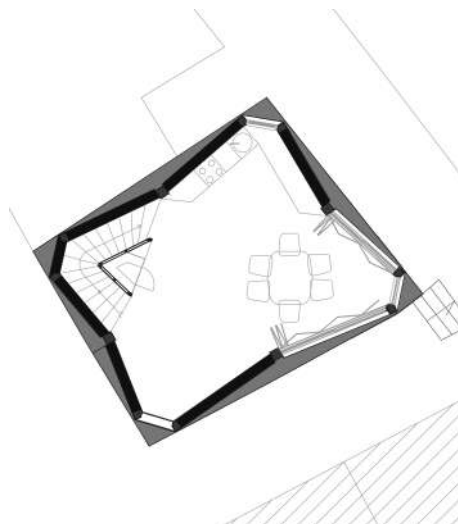
Alçado B



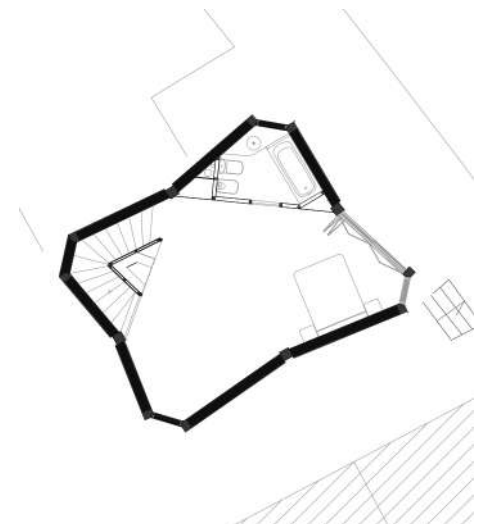
Alçado C



Plantas piso 0



Plantas piso 1



Plantas piso 2

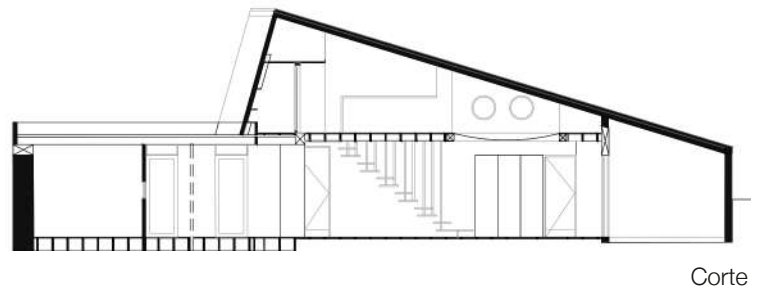
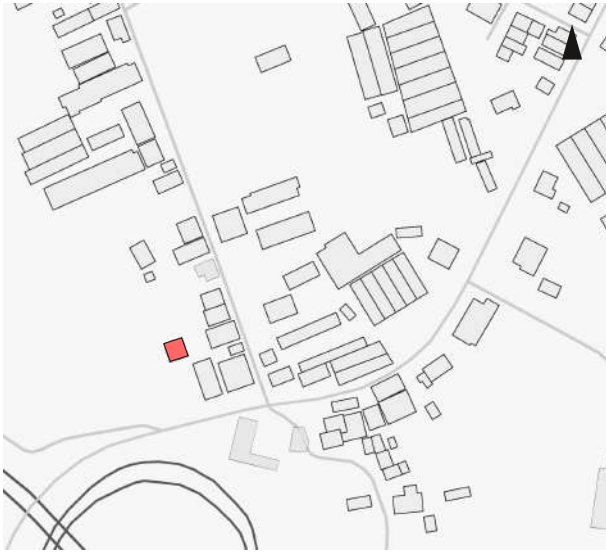


# Casa do jardim de Belém 20014

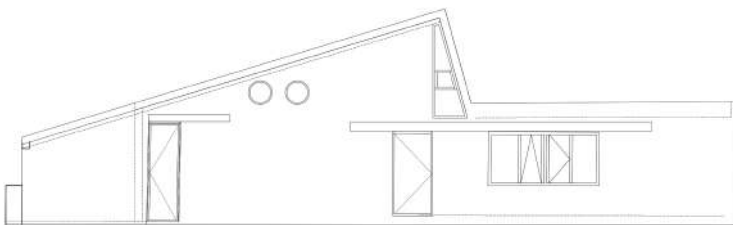
**Tipo :** Habitação Unifamiliar

**Localização:** Alameda de Belém, S. Roque, Açores

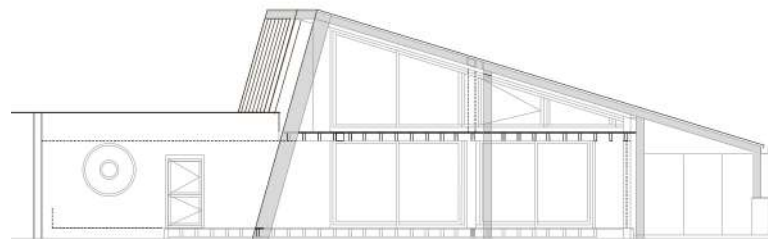
**Plantas, Cortes e Alçados 1.200**



Corte

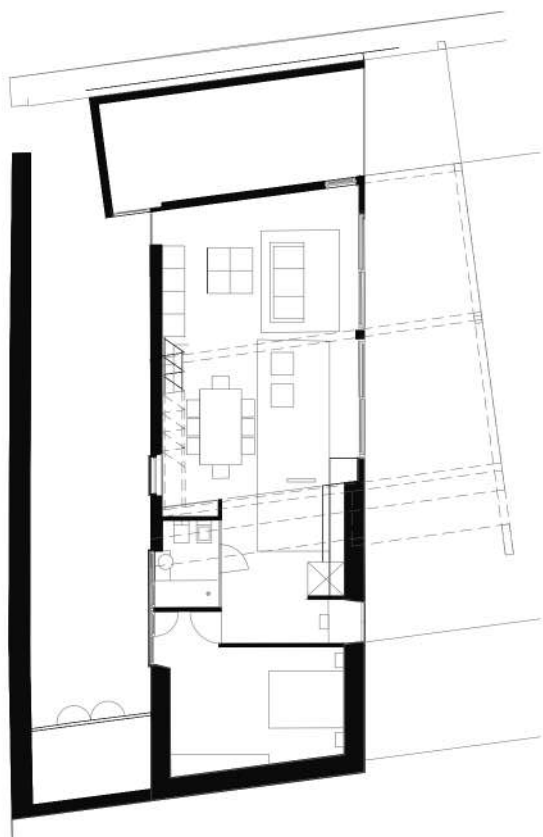


Alçado A

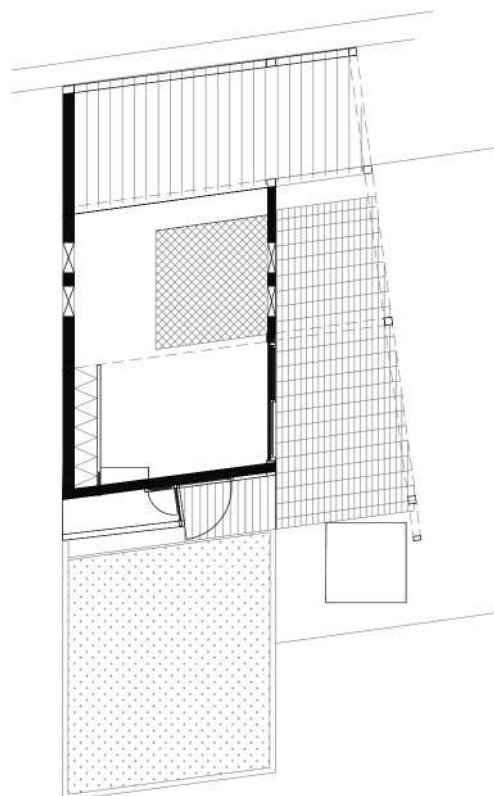


Alçado B

Plantas piso 0



Plantas piso 1





@Manuela Braga



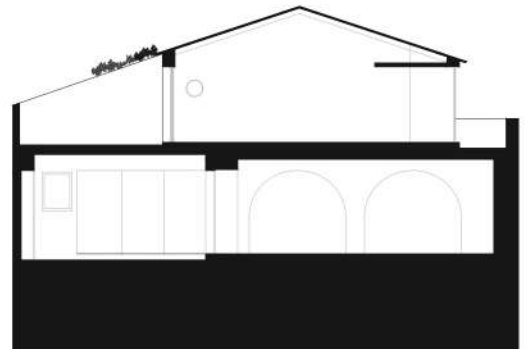
@Manuela Braga

# Casa Filipe Franco 2000

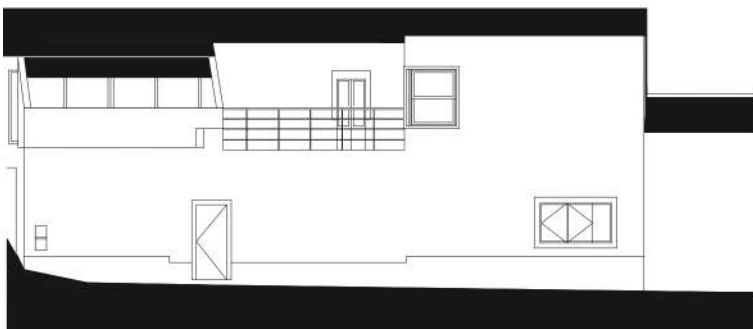
**Tipo :** Habitação Unifamiliar

**Localização:** Rua do Meio, Lagoa, Açores

**Plantas, Cortes e Alçados 1.200**



Corte A



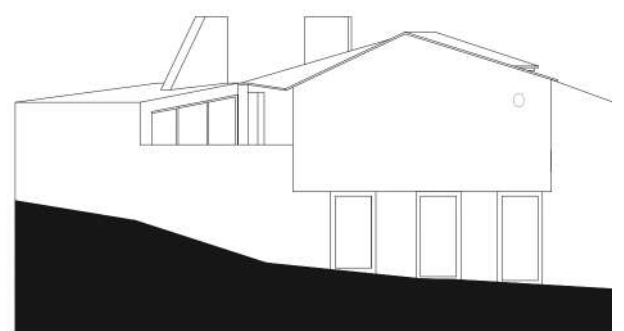
Alçado A



Corte B

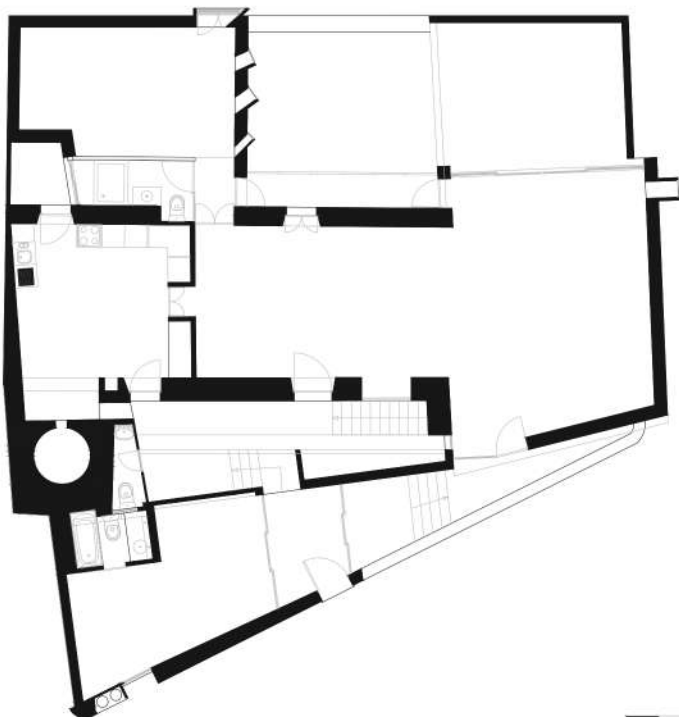


Alçado B

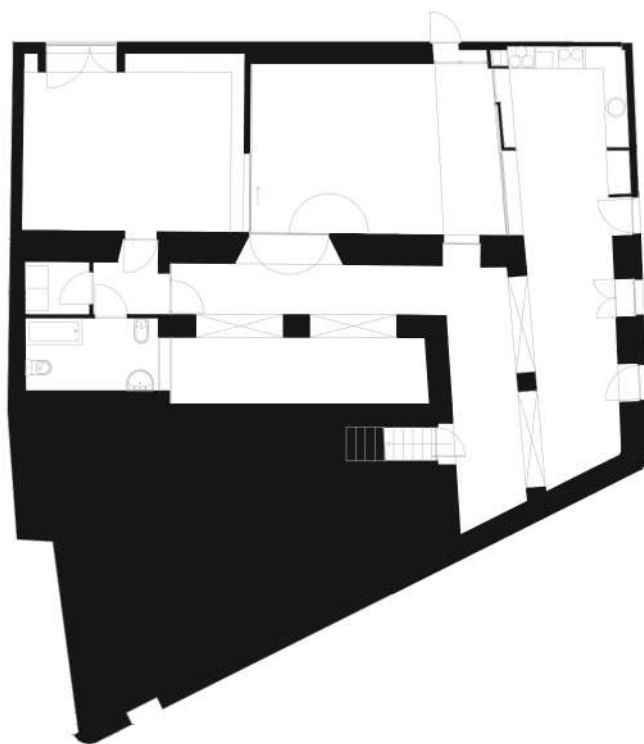


Alçado C

Plantas piso 0



Plantas piso 1





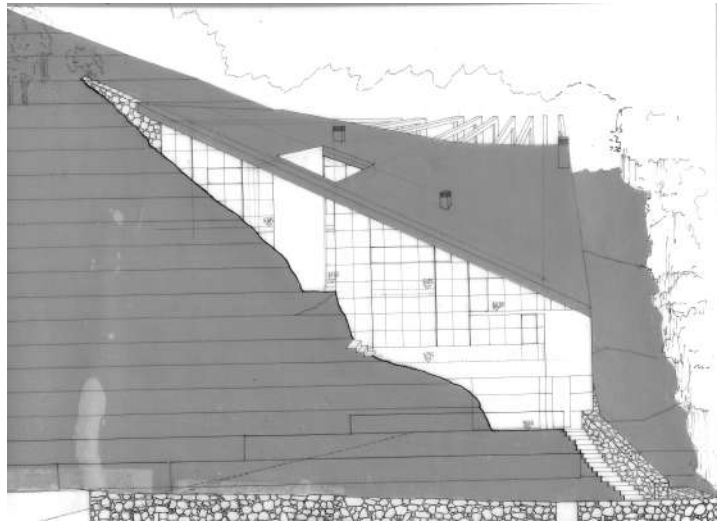
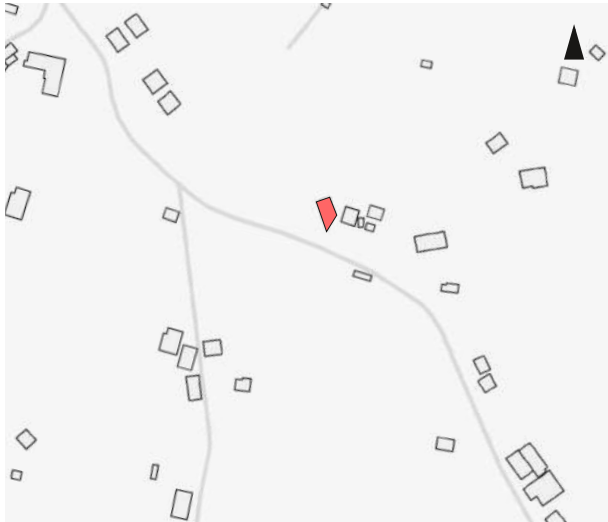


# Casa da Caloura 1995/96

Tipo : Habitação Unifamiliar

Localização: Caloura, Açores

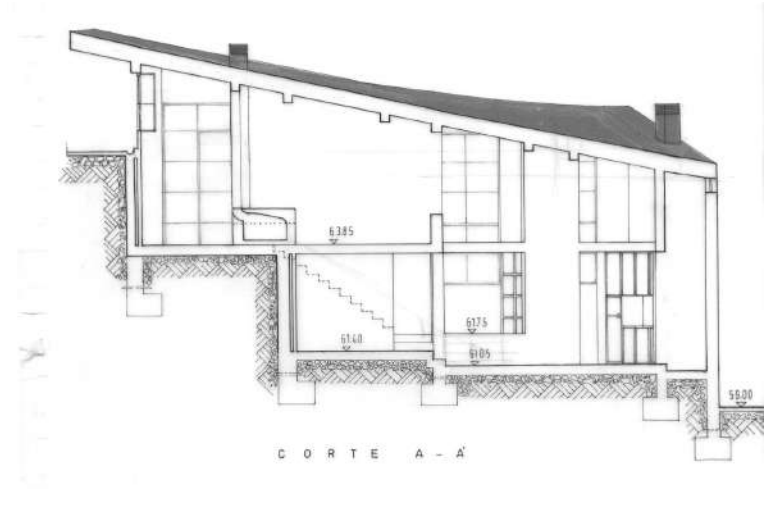
Plantas, Cortes e Alçados



Alçado

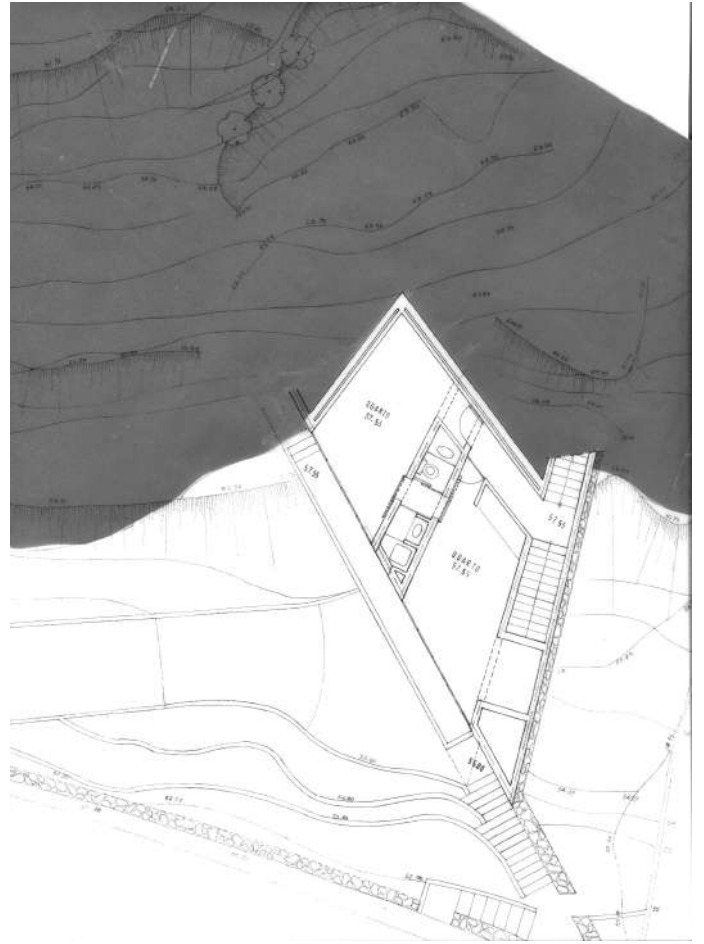
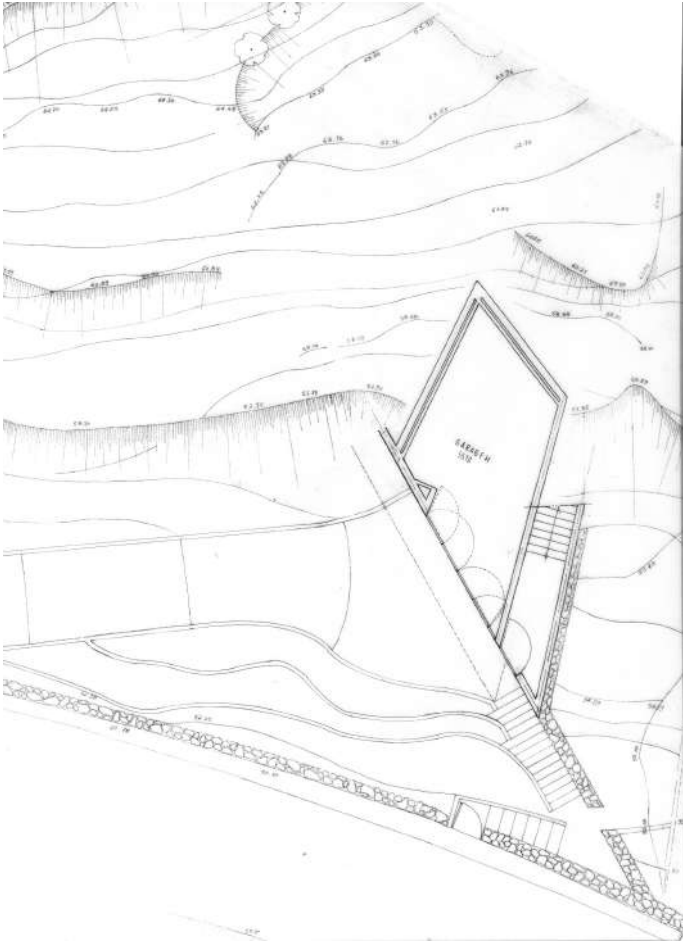


Corte A



Corte B

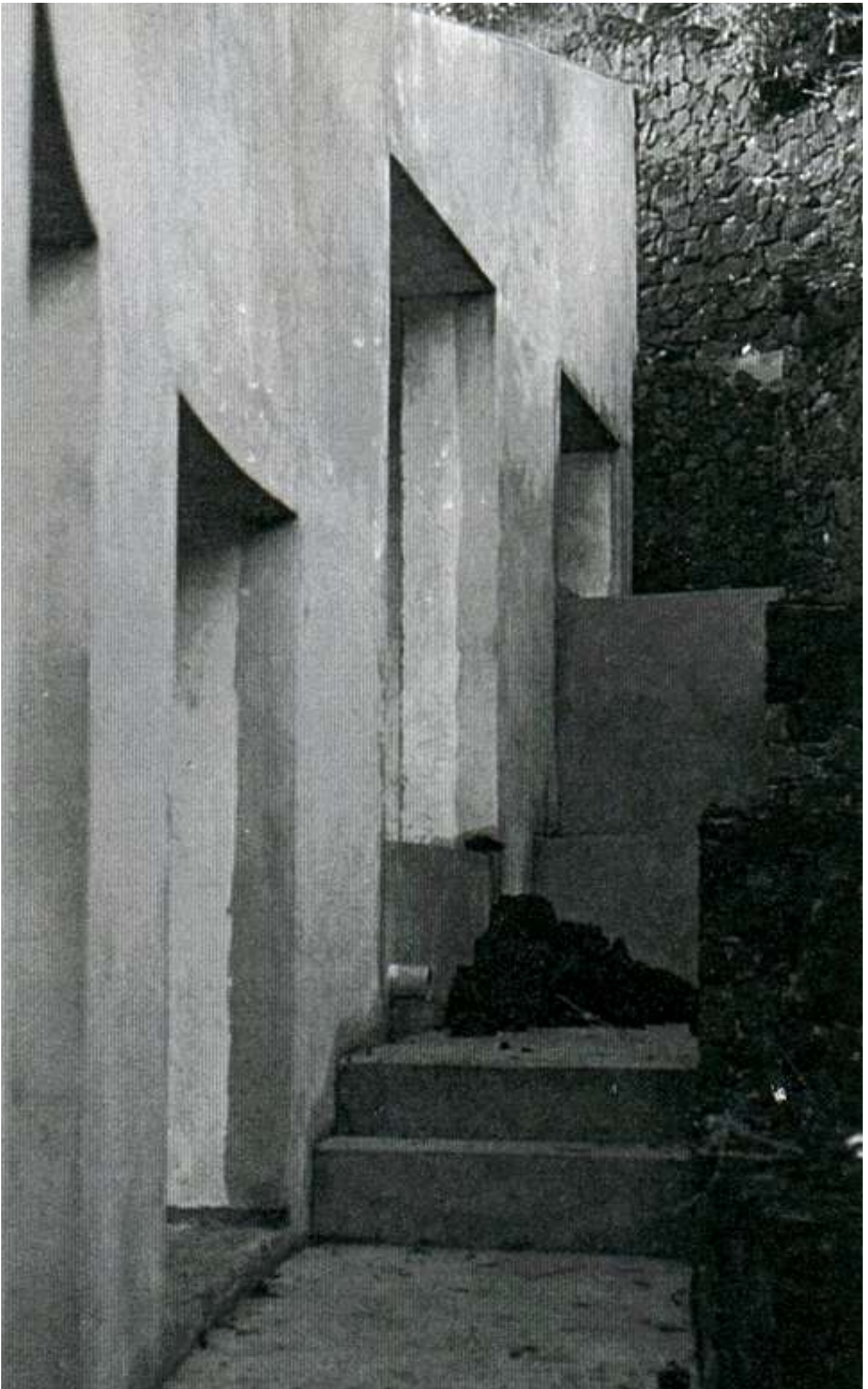
Plantas piso 0



Plantas piso 1




Plantas piso 2











DISSERTAÇÃO MESTRADO  
ARQUITETURA E URBANISMO

**A memória da viagem para a construção do lugar**  
Obras Manuela Braga